



Nadir Afonso, o artista e a sua circunstância

Artur Afonso

Portugal. Licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa, tendo frequentado o programa Erasmus na Technische Universität de Berlin. Estagiou em Roterdão no Office for Metropolitan Architecture do arquitecto Rem Koolhaas e em Nova Iorque com Louise Braverman. É administrador do Boticas Hotel Art & Spa, um projecto que cruza arte contemporânea com os novos desafios da hotelaria.

Nadir Afonso, o artista e a sua circunstância

Poderemos dissociar o homem da sua obra (e é justo que o façamos) mas quase inevitavelmente a nossa análise processa-se por meio de uma observação contaminada entre as características do criador (a personalidade, o temperamento, as crenças, as circunstâncias da vida e da sorte – e, de uma forma mais abrangente, a cultura e o meio onde se insere,) e a obra *efectivamente criada*.

Sendo a obra *efectivamente criada* e o seu *impacto* [a sua consequência] no contexto social [a um nível mais ou menos alargado] independentes, importaria analisar como as características do criador [e portanto, independentes da obra] condicionaram a percepção e o acolhimento [e, por conseguinte, as vicissitudes] da obra.

Nadir tinha a virtude (se é que se pode chamar assim) de logo em criança ter descoberto a sua irresistível atracção pela pintura – uma paixão que conservou até partir. Sempre soube que queria ser *pintor*, e sua vida traduziu-se num diálogo permanente com a sua paixão, com o seu *vício* criativo, com a sua obsessão com os valores de uma obra que visava o *absoluto* e a *eternidade*.



Fig. 1 - Nadir Afonso em Chaves.

Tendo sido espectador próximo desta excepcionalidade, logo compreendi, por exemplo, que *eu* jamais poderia ser *artista* porque *tão-somente* nunca partilharia aquela devoção incondicional, independente a tudo, o namoro longo e prazeroso entre o artista e as suas telas e a sua criação. Lembro-me de Nadir dizer repetidamente *isto é uma grande paixão*. Deverá ter existido pouca gente que tenha tido uma paixão tão forte por aquilo que fazia como Nadir. Lembro-me do homem que ficava ali de pé, horas a fio, olhando os quadros. Era uma *luta* constante entre um absoluto que se queria atingir e a conjugação das formas no desenho numa geometria e numa harmonia demasiado complexa para o artista *fechar* sem o levar a um estado de *quase exaustão* mental. Foram várias as vezes em que o observei quando desistia de um quadro para, logo a seguir, o retornar a olhar (agora com novos olhos), menos contaminados pela *luta* anterior entre o artista e o desenho.

Tirava um *guache*, por concluir, das suas gavetas de desenhos e, lembro-me de o ouvir dizer que o *quadro estava quase lá*. Quase lá porque, no seu entender, estava quase terminado, mas a verdade é que a qualquer desenho dificilmente o dava por terminado.



Fig. 2 - Nadir Afonso e a sua mulher, Laura, em La Valetta.

Lembro-me de olhar para um desses quadros que *estavam quase lá* e de pensar que *estava lá tudo*. Mas era uma ilusão. Naquele canto inferior direito do desenho para o artista a composição *não estava fechada* e a última forma a colocar no papel era a mais complexa de todas, dizia-o frequentemente. Não sei se foi aí que compreendi que o sublime está demasiado perto do imperfeito e, não sei até que ponto, essa realidade me condicionou.

A preocupação de Nadir era deixar a sua obra escrita publicada. Perdia o sono por isso. A obra teria que sair desses papéis escritos à mão e passados devidamente à tipografia. *É preciso estarem com muita atenção quando passam os [meus] textos ao computador*, protestava. Bastava que alguém se enganasse numa vírgula, que se lesse mal uma palavra e se dactilografasse outra coisa, para dali vir um protesto frustrado. Porque todas as palavras eram cuidadosamente escolhidas, porque as revisões de texto eram feitas até à *exaustão, ad aeternum*, porque o mesmo texto poderia ser alterado centenas de vezes levando ao desespero quem os passava *ao computador*.



Fig. 3 - Nadir Afonso com os seus filhos Artur e Augusto.



Fig. 4 - Nadir com os seu filhos Artur e Augusto.

Lembro-me de ver sempre uma caneta (ou algo que escrevesse) na cabeceira do seu quarto e de um qualquer papel onde escreveria um rascunho a meio da noite (isto porque a meio da noite tinha necessidade de passar as ideias ao papel porque, dizia, *temos necessidade de dormir*). Nadir não conseguiria dormir com uma ideia na cabeça que não fosse passada à escrita.

Nunca me lembro de ver o artista procrastinar – nele o trabalho era sempre uma constante; sempre metódico, sempre cioso da sua obra e das suas poucas coisas (um homem quase sem objectos pessoais), um homem com poucas necessidades.

Nadir contava-me que o seu pai, “*nunca o obrigou a nada*” como quem aceita e concorda com aquela compostura didáctica e se limita a replicar sem grandes questionamentos – as questões essas eram todas para a arte e para a filosofia, o resto era tudo uma vida no qual se interferia o mínimo possível – excepto quando havia visitas. Se havia visitas na casa Nadir ia sempre *meter o bedelho* – uma expressão que lhe ouvia vezes sem conta. É que apesar de tudo, apesar de ser um indivíduo muito (ou demasiado) metido consigo próprio, Nadir gostava de conversar.

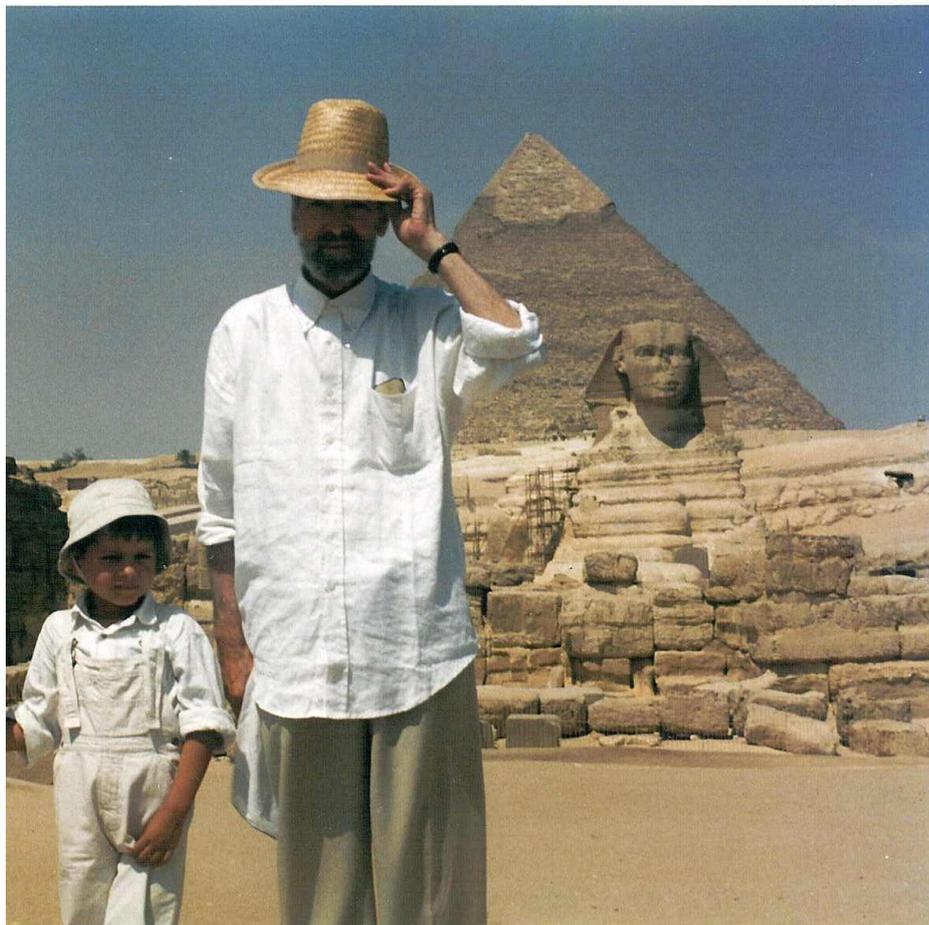


Fig. 5 - Nadir e o seu filho Artur.

O artista, chegado àquela idade, tinha como obsessão “concluir a sua obra!” até porque os quadros só estariam todos terminados *à hora da morte*, e, enquanto ela não chegasse, tudo era um *work in progress* - Tenho estas gavetas cheias de desenhos que nunca vou acabar! - Lamentava-se.

Era um homem que não duvidava de si próprio quando o tema era Arte. Pelo menos na Arte, não tinha dúvidas. E não tinha dúvidas porque sobre Arte muito tinha meditado, tinha tido aquele privilégio imenso do tempo ilimitado para pensar, e o desassombro de não endeusar ninguém e não se coibir de criticar ideias cristalizadas. Esse assomo que se consegue vivendo, quiçá, num mundo um pouco fora de tudo.

Nadir – um homem demasiado frágil para o *dia-a-dia* mas totalmente absorto na persecução de uma obra que visava a imortalidade.